



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO PRÓ-REITORIA DE
GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

PAMELA KRISIA YAMA TEIXEIRA MARQUES

**QUE NARRAM OS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CAMPO GRANDE SOBRE SUAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ALUNO
SURDO**

CARAÚBAS – RN
2019

PAMELA KRISIA YAMA TEIXEIRA MARQUES

**QUE NARRAM OS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CAMPO GRANDE SOBRE SUAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ALUNO
SURDO**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras Libras.

Orientadora: Prof. Mrs. Isabelle Pinheiro
Fagundes.

CARAÚBAS - RN
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor Genildo Agripino de Araújo, sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

M357q Marques, Pâmela Krisia Yama Teixeira.
Que narram os professores de uma escola
municipal de Campo Grande sobre suas estratégias
de ensino para aluno surdo / Pâmela Krisia Yama
Teixeira Marques. - 2019.
57 f. : il.

Orientadora: Isabelle Pinheiro Fagundes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras,
2019.

1. Aluno surdo. 2. Entrevistas narrativas. 3.
Ensino de Libras. I. Fagundes, Isabelle Pinheiro,
orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

PAMELA KRISIA YAMA TEIXEIRA MARQUES

**QUE NARRAM OS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CAMPO
GRANDE SOBRE SUAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ALUNO SURDO**

Monografia apresentada a
Universidade Federal Rural do
Semi-Árido, como requisito
para a obtenção de grau de
Licenciado em Letras –
LIBRAS.

Aprovado em:

08 de agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA

Isabelle Pinheiro Fagundes

Profa. Msc. Isabelle Pinheiro Fagundes
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Orientadora

Niáscara Valesca do Nascimento Souza

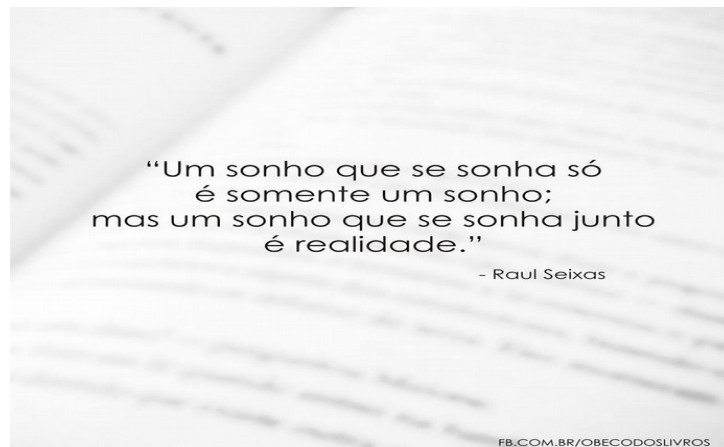
Profa. Msc. Niáscara Valesca do Nascimento Souza.
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Primeiro Membro

Simone Maria da Rocha

Prof. Dr. Simone Maria Da Rocha
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Segundo Membro

Prof. Ms. João Batista Neves Ferreira
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Suplente

AGRADECIMENTOS



Nada nessa vida construímos sozinhos, tudo tem um propósito, uma razão e um porquê. Hoje tenho muito a agradecer por todas as bênçãos alcançadas até aqui, e como sempre, Deus sendo muito bom comigo, hoje diante de todos os obstáculos enfrentados durante esses 5 anos tenho a oportunidade de agradecer primeiramente a Deus que me rege e me sustenta todos os dias da minha vida.

Em segundo lugar agradeço a vocês, minha Família, que são minha base, o meu alicerce. A minha mãe, agradeço por todo apoio e incentivo durante esses anos, pois ela sempre foi um espelho para mim. Agradeço a minha irmã, Klara Yama e ao amor de titia, Laura Yama por todo amor e cuidado. As minhas tias, Cacau Oliveira e Guerissy Oliveira por todo cuidado e atenção. Agradeço também a uma figura muito especial na minha vida, Jacinto Fernandes por tudo que ele fez e faz por mim até hoje.

Estendo meus agradecimentos a ela, Isabelle Pinheiro Fagundes minha querida e amada orientadora, uma mulher incrível que me inspira todos os dias, por ser um ser de luz e me incentivar a me tornar uma pessoa melhor, a você meu muito obrigada por todos esses anos/meses de dedicação, e por todos os puxões de orelhas também. Agradeço também as minhas queridas Simone Maria da Rocha e Niascára Valesca do Nascimento, ambas tiveram uma contribuição ímpar para minha formação acadêmica.

Aos meus lindos colegas de classe e amigos, agradeço por todos os momentos bons que proporcionamos uns aos outros, por todas as brigas e discussões que nos ajudou a amadurecer e ver o quanto éramos importantes uns na vida dos outros, amo vocês Lucas Dias, Joseany Pimenta, Uberlania de Souza, Genildo Agripino, Aliane Souza e Gilmara Jales, Camila Targino.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola de ensino fundamental da rede municipal de Campo Grande, estado Rio Grande do Norte. A pesquisa tem como objetivo central: conhecer quais estratégias são utilizadas pelos professores da rede municipal para com o aluno surdo em salas de aulas regulares. A pesquisa é narrativa descritiva, com uma abordagem qualitativa, tendo um estudo bibliográfico, bem como de campo, utilizando para a coleta de dados entrevistas narrativa dos professores que foram transcritas e logo após analisadas, as entrevistas narrativas foram realizadas com três professores do ensino fundamental da referida escola. Para a elaboração da fundamentação teórica, usamos diversos estudiosos que abordam o assunto em estudo entre eles estão Quadros (1997), Botelho(2002), Ferreira (1999) Bogdan e Biklen (1994) entre outros. Assim sendo através das leituras foi possível identificar que a alfabetização de surdos numa perspectiva inclusiva é um desafio enfrentado por docentes da sala regular de ensino e uma das principais barreiras existentes é a falta de interação com os alunos que possuem surdez bem como o despreparo desses profissionais referente à Língua Brasileira de Sinais. Portanto a educação inclusiva deve ser existente em todo o contexto sócio-educacional, proporcionando uma quebra no preconceito ainda existente nos diversos espaços que trata as pessoas com Surdez de forma preconceituosa e excluída socialmente.

Palavras-chave: Aluno surdo. Entrevistas Narrativas. Ensino de LIBRAS.

Abstract

The present work is the result of a research carried out in a primary school of the municipal network of Campo Grande Rio Grande do Norte, this research has as central objective: to know which strategies are used by the teachers of the municipal network to the deaf student in rooms of regular classrooms. Facing this objective, we chose the following: Identify through the teachers' narratives strategies and methodologies used by the teacher, aimed at the inclusion of deaf students through the literacy process. The research is descriptive narrative, with a qualitative approach, having a bibliographical as well as field study, using for the data collection interviews narrative of the teachers that were transcribed and soon after analyzed, narrative interviews were conducted with three primary school teachers school. For the elaboration of the theoretical foundation, we use several scholars that approach the subject under study. Thus through reading it was possible to identify that the literacy of deaf people in an inclusive perspective is a challenge faced by teachers of the regular classroom and one of the main barriers is the lack of interaction with the students who have deafness as well as the unpreparedness of these professionals referring to the Brazilian Sign Language. Therefore, inclusive education must exist in all socio-educational contexts, providing a break in the bias still existing in the various spaces that treat people with Deafness in a prejudiced and socially excluded way.

Keywords: Deaf student. Narrative Interviews. Teaching of LIBRAS.

LISTA DE SIGLAS

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos

GEPNAE – Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto) Biográficas em Educação

GRIFARS – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LSF – Língua de Sinais Francesa

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecimento

UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi Árido

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Tabela 1. Perfil dos participantes

Tabela 2. Procedimentos de análises

Tabela 3. Resultados e análises

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2. LINGUAGEM E SEUS ASPECTOS SOCIAIS.....	15
3. OS DESAFIOS ATUAIS NA CONSTRUÇÃO DO SABER DO SUJEITO SURDO.....	19
4. 1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO.....	25
4.2 NARRATIVAS COMO METODOLOGIA E FONTE DE INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL.....	27
4.3 ENTREVISTA NARRATIVA.....	28
4.4 COLABORADORES DA PESQUISA.....	31
4.5 ÉTICA NA PESQUISA.....	33
4.6 <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA.....	34
4.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	35
5. DA TEORIA PARA PRÁTICA: O QUE NÃO ME EXPLICARAM NA GRADUAÇÃO.....	37
6. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES PARA O ENSINO DO ALUNO SURDO.....	40
7. “ NÃO CONSIGO TER FEEDBACK”.....	43
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
ANEXOS.....	51

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Discutir a respeito da educação dos surdos e também, como ela deve ocorrer no contexto escolar tem tornado-se constante, pois não basta somente incluir os surdos em classes regulares, mas priorizar suas necessidades linguísticas, dando-lhes o direito de serem tirados das margens sociais, culturais e educacionais.

Até os dias atuais, os surdos ainda não são percebidos pela sociedade por suas potencialidades, é bastante comum que a sociedade ainda veja os indivíduos surdos a partir de um estigma e/ou estereótipo de “coitadinho”, “mudinho”, pois como nos mostra Lima (2015, p. 44 – 45), no que diz respeito a educação de surdos, as pessoas percebem o sujeito surdo como aquele que tem falta de alguma coisa, um incapaz, no entanto não é assim que o próprio surdo se vê, o surdo se percebe como sujeito cultural e linguisticamente diferente (Strobel, 2008), mas capaz de aprender e se relacionar da mesma maneira que qualquer outro sujeito.

A maioria das crianças surdas não tem acesso a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) cedo, principalmente no início de sua escolarização e para corroborar com essa discussão, Quadros (1997) nos diz que para a criança surda o português não irá despertar sua aprendizagem e desenvolvimento cognitivo de forma natural, pelo fato da criança surda não possuir audição e o português ser uma linguagem oral, porém a criança surda pode vir a adquirir o português, mas, não de forma natural como acontece com a Libras que é a língua natural do surdo, sendo assim, o português é tido como uma segunda língua, diferentemente da Libras que é adquirida de forma espontânea e natural pela pessoa surda quando se tem contato com os demais usuários da Libras, assim sendo, Quadros (1997) conclui que a pessoa surda tem o direito de ser alfabetizada na sua língua natural, ou seja a Libras.

Por conseguinte, um dos motivos para a falta de contato inicial da criança surda com a Libras é ausência de profissionais especializados na língua que atuem como professores¹, instrutores² e/ou tradutores intérpretes³, para os surdos, visto que isso está

¹ Professor de Libras: ensina a língua de sinais, segundo a legislação, esse profissional precisa ter um dos requisitos: graduação em libras, prolibras ou especialização em libras.

² Instrutor de Libras: ensina a língua de sinais, geralmente tem apenas o segundo grau, pode ser surdo ou ouvinte.

³ Intérprete: aquele que faz a translação de uma língua para outra, trabalha com fala, geralmente faz a interpretação simultânea

previsto na Lei 10.436/02 e regulamentado pelo decreto 5.626/05, a fim de suprir as necessidades educacionais dos indivíduos surdos. Diante disso, podemos refletir como essas crianças aprendem? Como se comunicam? Como se desenvolvem? Como acontece sua aprendizagem? Como os professores percebem seu avanço acadêmico?

Entendemos que as crianças começam a perceber o mundo através do uso da linguagem, pois é através da linguagem que acontece o planejamento e regulamento das ações humanas e é uma evolução dos primeiros intercâmbios sociais e comunicativos. Dessa maneira, Vygotsky (1998) nos mostra que o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo é a aquisição de conhecimentos através de interações entre sujeito para com o meio. Sendo assim, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado *mediação*.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral evidenciar quais estratégias são utilizadas por professores das classes regulares do ensino municipal da cidade de Campo Grande, Rio Grande do Norte. Uma vez que o uso da língua de sinais, assim como nos mostra Quadros (1997), é o caminho para que haja desenvolvimento no atendimento escolar desses alunos.

E para alcançarmos o objetivo geral, temos como específicos, identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos professores a partir de suas narrativas; investigar como se dá o processo de ensino do aluno surdo a partir das narrativas e relatos dos professores investigados, verificar quais são os resultados das estratégias utilizadas pelos professores e analisar a partir das entrevistas narrativas, quais as percepções dos professores em relação a evolução dos alunos surdos.

A Libras, enquanto língua espaço visual, possui inúmeras riquezas linguísticas e oferece as mesmas possibilidades de construção de saberes bem como qualquer língua oral, como o português, além de cumprir um papel de fundamental importância na educação dos surdos, assim não deve ser ignorada pela escola no processo de ensino/aprendizagem desses educandos .

Dessa maneira, a partir de experiências vividas na disciplina de estágio supervisionado não obrigatório, surgiu as questões que nortearam nossa pesquisa. Partindo da noção de experiência de Jorge Larossa (1998), ao afirmar que experiências nos possibilitam vivenciar/experimentar momentos que nos acontecem e nos toquem, isso requer de nós um momento em que paramos para pensar, olhamos e escutamos, bem como pensamos mais devagar, paramos para sentir e demoramos nos detalhes,

suspendemos nossa opinião, juízo e vontade, pois é preciso cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos para falar sobre o que nos acontece, é preciso cultivar a arte do encontro, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Diante das experiências vivenciadas foram surgindo alguns questionamentos a respeito do ensino do aluno surdo, esses questionamentos nos motivou a refletirmos e incluirmos em pesquisa como questões que foram utilizadas como perguntas indutoras em nossas narrativas para com os professores, as perguntas são: Quais estratégias são utilizadas pelos professores com alunos surdos? A formação ajuda na interação entre o aluno surdo e o professor ouvinte? como o professor sabe que o aluno surdo aprendeu o conteúdo trabalhado em sala de aula?

Assim sendo, é relevante destacar que a metodologia empregada no ensino para surdo deve respeitar os aspectos visuais e sinalizados da Libras, com isso, não estamos afirmando que o processo de aprendizagem do surdo é diferente do ouvinte, mas que o ensino deve ser adaptado para sua realidade linguística.

Ressaltamos ainda que o indivíduo surdo é cognitivamente tão capaz de aprender quanto o indivíduo ouvinte, desde que seja as metodologias empregadas sejam deveras adequadas, dessa forma o surdo se desenvolverá com a mesma capacidade intelectual dando ao surdo à igualdade de ser inserido e exercer os seus direitos sociais.

Além disso, vale ressaltar que a aprendizagem é indispensável para qualquer indivíduo, e as línguas orais e escritas são as formas mais comuns de comunicação, porém não são as únicas, aqui no Brasil, por exemplo, desde 24 de abril de 2002, temos a conhecida Lei de Libras, 10.436/02, que está regulamentada pelo Decreto 5.626/ 05 de 22 de dezembro de 2005, a qual assegura ao surdo o uso da Língua Brasileira de Sinais, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” assim, os surdos não podem ser vistos como deficitários na esfera linguística-comunicativa, ou na elaboração da identidade social e cultural, apenas tornaram-se diferentes linguisticamente e culturalmente por consequência da surdez.

Portanto, justificamos nossa pesquisa na relevância do uso da língua de sinais na escola, pois é relevante que a escola seja um espaço de inclusão, criando, adaptando e moldando condições mais proveitosas e eficazes favorecendo assim as relações interpessoais, e principalmente o ensino aprendizagem do aluno surdo. A Libras torna-

se um elemento essencial para comunicação e fortalecimento de uma identidade surda no Brasil e o meio pelo qual o surdo aprende e se desenvolve cognitivamente, sendo assim a escola não pode ignorá-la no processo de ensino aprendizagem

E para obter uma boa organização do trabalho, o mesmo encontra-se estruturado em capítulos sendo eles dividido em considerações iniciais, Linguagem e seus aspectos sociais, Os desafios atuais na construção do saber do sujeito surdo, Pesquisa qualitativa em educação, metodologia da pesquisa, Narrativas como metodologia e fonte de investigação educacional, Entrevista narrativa, Colaboradores da pesquisa, Ética na pesquisa, Lócus da pesquisa, Procedimentos de análise de dados divididos nos tópicos: Da teoria para prática: o que não me explicaram na graduação, Estratégias utilizadas pelos professores para o ensino do aluno surdo e “ Não consigo ter feedback” e por fim as Considerações Finais.

2. LINGUAGEM E SEUS ASPECTOS SOCIAIS

Desde o nosso nascimento somos expostos ao conhecimento, através de vários estímulos sensoriais distintos, esse processo de aprender é contínuo, ele se repete até o final da vida de cada indivíduo. Para facilitar e organizar a sociedade e tudo que a compõe, as pessoas, as coisas, os sentimentos, os espaços, os fenômenos da natureza entre outras coisas recebem nomes, significados e conceitos.

Essa organização social acima apresentada nos revela a necessidade que temos de conhecimento a respeito das coisas, pessoas e consequente a isso, no que concerne as pessoas, elas podem a partir do nome recebido e registrado em cartório, ter direito a estudar, trabalhar, ter um endereço entre outras coisas, percebemos então, que tudo está relacionado à identificação, que é dada através de nomes e significados desses.

Com isso, entendemos que a linguagem enquanto provedora da comunicação e uma instituição atual e um produto do passado, tem um valor imprescindível para sociedade, que segundo Saussure (1969), é “heteróclita e multifacetada”, por abranger vários domínios, desde o individual ao social que está em constante evolução. Sem a linguagem e consequentemente a língua seria impossível existir um processo de socialização e/ou aprendizagem.

Dessa maneira, é relevante destacar que as crianças vão aos poucos adquirindo e absorvendo para si os modos de funcionamento psicológicos, comportamentais e culturais dos demais usuários da língua que estão tendo primeiro contato. Assim, podemos perceber a importância da inserção social do sujeito surdo, pois a partir dessa inserção o sujeito em destaque nessa pesquisa, poderá interagir com outros surdos usuários da língua de sinais e, por conseguinte, ter trocas de saberes e experiências.

Segundo Sánchez (1990, p.17), a comunicação humana [...] “é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independentes de qualquer fator racial, social ou cultural”.

A linguagem é aprendida e desenvolvida no meio social e é através dela que o sujeito se constitui com todas as suas particularidades humanas, se distinguindo das demais espécies. É no contato com a linguagem, relacionando-se em sociedade e fazendo o uso dela, que o sujeito a adquire. Vygotsky (1998) mostra que a linguagem não provém da natureza do meio material em que usurpa, mas sim do uso legítimo dos signos, de quaisquer formas de produção que possam assumir papel similar ao da fala.

Diferentemente do que muitas pessoas ainda defendem a língua espaço visual não é apenas uma forma de linguagem, ela constitui-se como língua, por possuir todos os níveis linguísticos e se integrarem das mesmas funções das línguas orais. Ferreira-Brito (1998, pag.23) menciona o seguinte:

A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos Constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais.

Partindo desse pressuposto, a inserção e o uso da Libras nas escolas irá permitir a interação e conhecimento da criança surda no que diz respeito ao seu espaço nas relações sociais e o acesso a determinados conceitos, pois, a Libras permite aos seus usuários expressar ideias, conceitos abstratos de maneira ilimitada (GESSER, 2009). Por conseguinte, através desse contato com a Libras, o surdo poderá pensar todas as questões necessárias para torná-lo um indivíduo analítico, e se desenvolver por inteiro, pois possui a mesma inteligência e capacidade cognitiva do indivíduo ouvinte, distinguindo-se apenas na forma de aprendizado que é visual e não oral-auditiva. Diante do exposto Botelho (2002, p. 53) afirma que “ [...] o que falta aos surdos, sem sombra de dúvidas, é o acesso a uma língua que dominem e que lhes permita pensar como todas as complexidades necessárias disponíveis como são para qualquer um”.

Assim, a Libras é compatível tanto em complexidade quanto em expressividade com qualquer outra língua oral, pois expõe ideias simples, problemáticas, conceitos e ideias abstratas e seus usuários podem discutir acerca de quaisquer que seja o tema, tais como política, cultura, religião entre outros e usá-la também com função estética para fazer poesias, teatro e humor.

Em razão disso, a execução da língua de sinais nas escolas vai além da importância para que haja interação entre surdos e ouvintes, a língua de sinais, ao longo dos tempos, vêm ocasionando discussões e questionamentos a cerca do seu uso, tanto no meio social como no ambiente escolar, embora existam vários embates a respeito dessa temática, muitos ainda desconhecem que a Língua de Sinais é constituída como verdadeira língua e para corroborar com essa discussão Gesser (2009, pag 27) afirma

que a Língua de Sinais “tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico”.

Porém, por muito tempo a língua de sinais perdeu privilégio de ser vista como um meio de comunicação, não possuindo nenhum avanço nas pesquisas linguísticas, bem como no seu desenvolvimento gramatical, foram muitos anos de lutas e só em 24 de abril de 2002, a língua de sinais adquiriu status linguístico de direito através da sanção da Lei de nº. 10436, que a reconhece e legaliza a língua de sinais como forma de expressão, com sistema linguístico espaço visual próprio para exercer a comunicação entre locutor e interlocutor, sendo assim Gesser aponta que:

Tal como os falantes orais, os falantes da língua de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidianos etc. nessa língua, além de transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar e inventar histórias e piadas, por exemplo (2009, p. 23).

Atualmente a língua de sinais já possui status linguístico, ou seja, já é reconhecida “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados, deixando assim de ser vista como gestos e mímicas passando a ser reconhecida como a língua natural dos surdos, podendo ser chamada de língua materna ou primeira língua e para entendê-la com suas particularidades e peculiaridades faz-se necessário entender o conceito de língua de sinais e a sua importância na comunicação do sujeito surdo.

De acordo com Lima (2006), a língua de sinais é uma linguagem espaço visual, em que os sinais são traçados no espaço para serem vistos. Ela tem parâmetros próprios sendo assim pode ser classificada como língua, assim como Lima (2006), Quadros (2009), também conceitua em seus estudos a língua de sinais como uma língua espaço visual, pois é através da visão que os usuários dessa língua utiliza para absorver as informações e os movimentos que o interlocutor quer repassar, utilizando principalmente as mãos, para transmitir essas informações, distinguindo assim das línguas orais que é realizada pela utilização do canal comunicativo, enquanto as línguas orais utilizam canal oral-auditivo, as línguas de sinais utilizam canal gesto-visual.

Isto posto, percebe-se que essa língua é suntuosa e integralizada sendo independente e, por conseguinte, possuindo uma estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas, se tornando lógica e servindo para atingir objetivos de forma rápida e eficaz na

exposição e expressões das necessidades, e desejos, servindo plenamente para enriquecer os processos mentais desses indivíduos que fazem o uso dessa modalidade de língua, dessa forma Quadros e Karnopp afirmam que :

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe, e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30).

Sendo assim, diante destas discursões acerca da língua de sinais, ao longo deste estudo, será possível ter a compreensão da importância dessa língua na educação dos surdos tanto nas classes regulares quanto em salas especializadas. Vale ressaltar que a criança surda se desenvolve se comunica e aprende da mesma forma da criança ouvinte, desde que tenha suas necessidades linguísticas supridas, pois as crianças surdas no ato da aquisição da linguagem utilizam-se do sistema motor, pois possuem a audição prejudicada. Assim, a sinalização é a língua do surdo e, no aspecto funcional, é igualitária à fala para os ouvintes, pois possui sintaxe, gramáticas e semânticas completas que permitem desenvolver, expressão, coesão e coerência nas articulações das ideias que estão sendo expostas.

2. OS DESAFIOS ATUAIS NA CONSTRUÇÃO DO SABER DO SUJEITO SURDO

A Libras tornou-se uma língua cada vez mais reconhecida socialmente, legalizadamente, bem como esta se expandindo, mesmo que a pequenos passos nos ambientes escolares como: escolas, universidades, entre outros setores.

Esse difundimento da Libras nos faz refletir acerca de: onde surgiu a língua de sinais? Como se deu a sua evolução no Brasil? A história do surgimento da língua de sinais no Brasil começou com sua evolução no século XIX, através do contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) que veio para o Brasil por meio do professor surdo francês E. Huert, o mesmo veio para a cidade do Rio de Janeiro no ano de 1855 a convite do Imperador D. Pedro II que tem um curioso, porém, importante significado para o início da história da educação de surdos em nosso país.

Dando continuidade aos fatos históricos da língua de sinais no Brasil, E.Huert chegou e juntamente com apoio de Dom Pedro II criaram uma escola para surdos, sendo assim surgiu o Instituto Imperial de Surdos-Mudos no ano de 1857, atualmente titulado como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) fundado em 26 de setembro de 1857. A princípio, no instituto os surdos eram educados através de uma linguagem escrita articulada e falada, bem como a datilologia e os sinais. O curso possuía uma duração de seis anos e era oferecido a alunos de ambos os sexos, na idade entre sete a dezesseis anos, o instituto ofertava uma disciplina chamada "Leitura sobre os Lábios" em a mesma estaria voltada apenas para os alunos que apresentassem indícios de desenvolvimento da linguagem oral. Assim, pois, se deu o primeiro contato dos surdos brasileiros com a Língua de Sinais Francesa, trazida por E. Huet.

Após vinte anos, no ano de 1875, aconteceu o surgimento da *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, o primeiro dicionário de língua de sinais que surgiu de autoria de Flausino da Gama, O autor era surdo e estudante do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. A obra foi elaborada por meio de litografia, técnica de gravura muito utilizada no Brasil no século XIX, possuía como conteúdo 382 verbetes ilustrados. De acordo com (Leite apud GAMA)

Flausino, ao visualizar a obra de um surdo francês chamado Pierre Pélissier, que fora professor no Instituto de Paris, "manifestou o interesse de reproduzir as estampas para os falantes conversarem com os surdos-mudos". A obra de Pierre Pélissier foi determinante e funcionou como *referência* para a elaboração do dicionário de Flausino." Leite (apud GAMA, 1875, p. 2)

A elaboração desse dicionário da língua de sinais francesa, tinha como objetivo facilitar a interação entre alunos surdos e professores ouvintes do INES, porém, a liberdade de expressar a língua de sinais não durou muito.

Desde o início do surgimento da língua de sinais existe uma resistência na aceitação e no uso dessa língua, não só no Brasil, mas também em vários outros países que se mostravam favoráveis ao método oralista⁴. No ano de 1880, o Congresso Internacional de Educação de Surdo, em Milão, na Itália, ocorrido entre os dias 6 e 11 de setembro, levou em pauta a discussão a respeito da qualidade de educação dos surdos, esse congresso teve muitas discussões e votações. As votações foram quase unânimes, para a metodologia oralista no ensino de surdos, tiveram apenas poucas oposições, sendo assim o oralismo puro conseguiu ser legalizado como acordado por grande parte dos 164 membros do Congresso. Nesse evento foram aprovadas oito resoluções decididas por educadores de diferentes países, sendo eles em sua maioria ouvintes, nesse congresso ficou claro a superioridade da língua oral como meio privilegiado de acesso ao conhecimento naquela época, sendo assim em 1880 o oralismo puro, sem a interferência de qualquer sistema gestual, foi ratificado oficialmente, naquele momento, como a abordagem preferível em escolas e instituições para surdos. A partir dessas discussões Skliar (2005), mostra que o Congresso de Milão constituiu não apenas o começo do oralismo, mas também a sua legitimação oficial. Foi um marco histórico que se desdobrou em uma série de reformulações nas estruturas, bem como nos currículos e nas metodologias das várias instituições existentes na época.

Assim sendo foi ignorado por quase três décadas o uso de língua de sinais, seguindo a mesma exigência em todas as escolas de surdos dos países (INES, 2007). Em razão disso, a Libras passou a ser desvalorizada.

Quase cem anos, após muitas lutas e resistências, a língua de sinais consegue ser reconhecida como língua natural dos sujeitos surdos. Durante esses cem anos foram se difundindo algumas metodologias que fundamentam a língua de sinais e o seu

⁴Oralismo é o método que percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte.

ensino: “[...] apesar das diferentes opiniões que dividem e subdividem as metodologias específicas ao ensino de surdos, em termos de pressupostos básicos, existem três grandes correntes filosóficas: a do Oralismo, da Comunicação Total e do Bilinguismo” (DORZIAT, 1999, p. 13). Vale ressaltar, entre as principais metodologias da língua de sinais, a ‘Pedagogia Surda’, que atualmente está ganhando mais espaço dentro do Brasil.

Adiante iremos descrever algumas das metodologias que fizeram parte da trajetória da educação dos surdos, dando destaque aquelas que são utilizadas atualmente em várias instituições brasileiras: Oralismo tem como objetivo principal o uso do desenvolvimento da fala do surdo, pois para os estudiosos desse método, a oralidade era primordial para a comunicação, desenvolvimento e interação das crianças surdas com o meio social, como citado anteriormente essa metodologia teve aprovação em um evento internacional realizado em Milão/Itália chamado ‘Congresso Internacional de Educação de Surdos’. E para complementar a discussão sobre o oralismo (GOLDFELD, 2002, p. 34) nos diz que:

O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade

Sendo assim, a metodologia oralista começou a ser utilizada pela maioria das escolas na educação de surdos. A língua de sinais passou a ser proibida, se configurando assim uma longa luta do povo surdo em defesa do direito linguístico por meio da sua língua natural, e a liberdade do uso e expressão da sua língua natural.

O método da comunicação total tem como foco o uso de qualquer estratégia que permitisse a liberdade da comunicação do sujeito surdo, nesta metodologia de ensino fazia-se uso da língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial bem como outros recursos que auxiliassem o desenvolvimento da língua oral (SCHELP, 2008).

O bilinguismo diferentemente dos demais métodos anteriores consiste em trabalhar com a dualidade das línguas no ensino aprendizagem dos surdos dessa maneira, as línguas em questão são a língua portuguesa que será utilizada na modalidade escrita e a língua brasileira de sinais –Libras, o método do Bilinguismo é atualmente utilizado por surdos em algumas escolas e instituições de ensino no Brasil.

Nesta perspectiva do bilinguismo Lacerda (1998), ressalta que a metodologia Bilíngue mostra que os surdos elaboram os conhecimentos por meio do canal visual e a combinação entre línguas, que é utilizado pela Comunicação Total, dificultava a aquisição de conhecimentos dos surdos, porque cada língua é independente e possui suas particularidades impossibilitando assim o uso de ambas as línguas, sinalizada e oral, ao mesmo tempo no âmbito escolar.

A pedagogia surda tem como objetivo principal demonstrar novos percursos que estão sendo percorridos para a melhoria da educação do surdo, porque a pedagogia surda é um método que atende de maneira satisfatória as especificidades do surdo, considerando todos os aspectos culturais deste sujeito. Assim Machado (2008, p. 78) nos mostra que:

Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura [...] Pouco adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social.

Corroborando com Machado, percebe-se que, a metodologia que é verdadeiramente digna das lutas e conquista do povo surdo, é a Pedagogia Surda, pois, a maioria das lutas dessas pessoas giram em torno da constituição da subjetividade do jeito surdo, ou seja, do reconhecimento de sua identidade e cultura, e isso só ocorrerá no momento do encontro com seus pares, diante disso o surdo poderá usufruir tanto da sua cultura e identidade como também da Libras que hoje no Brasil é oficialmente sua língua natural, pois, está sancionada através da Lei 10.436/2002, publicada em 24 de abril de 2002, em que a mesma está regulamentada pelo Decreto 5.626/ 05 de 22 de dezembro de 2005, a qual assegura ao surdo o uso da Língua Brasileira de Sinais, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. Diante dessa discussão Marchesi (1995, p. 219) afirma que:

A língua de sinais é uma linguagem autêntica, contendo uma estrutura gramatical própria e com possibilidades de expressão em qualquer nível de abstração”. Sendo assim por ser tão complexa quanto à língua oral ela está devidamente adequada, podendo ser utilizada no processo ensino e aprendizagem do sujeito surdo, pois exerce o desenvolvimento, a comunicação e a educação dos alunos que possuem desafios pela falta da audição.

Partindo desse pressuposto buscamos refletir acerca dessas discussões a respeito dos principais desafios que é o ensino de libras para educação da atualidade, isto posto entende-se que não basta disponibilizar o ensino de libras na escola regular, pois a princípio de tudo é preciso ter um processo de quebra de preconceitos que busquem a valorização do surdo, do seu meio cultural bem como sua identidade própria, é preciso que as escolas busquem profissionais da área da Língua de Sinais, como também a Especialização dos profissionais da escola regular , só assim será possível incluir o sujeito surdo em uma construção de conhecimento com eficiência e qualidade.

É sabido que o ensino de libras vai além do direito de que esses indivíduos surdos possuem ao frequentar a escola pública, não basta apenas incluir essas crianças em salas de aulas, é preciso se trabalhar para criar uma concepção político e pedagógica capaz de conscientizar o meio escolar e a sociedade para que assim possa surgir novos cenários de debates a respeito dos direitos que essas pessoas possuem como cidadãos. E assim estes alunos poderem receber ensino com respeito a suas individualidades pois quando se trata sobre questões do respeito as diferenças, temos como foco a individualidade de cada sujeito sendo assim, é preciso que a escola reconheça o indivíduo como um todo, com suas particularidades e o envolva em um ambiente que o respeite e o valorize, pois o surdo ou ouvinte não são superior ou inferior com relação um ao outro, ambos são pessoas humanas, dotadas de possibilidades e diferenças. A inclusão da pessoa surda deve ocorrer de maneira integral, acima de tudo ser digna de respeito e direito a educação com qualidade atendendo aos interesses individuais e sociais.

O quadro em que se encontra a escola e o ensino atual está longe de ser vista como uma escola inclusiva, e no que se refere ao ensino de Libras, em que é preciso mais do que repassar o conhecimento, sendo muito importante para esses indivíduos expressar e conviver com a sua cultura no espaço escolar , isso exige da escola uma nova visão e ampliação de conhecimento a respeito dessa nova temática. É preciso pensar em escolas que possuam um olhar para o novo, que enxergue o surdo como

verdadeiro ser humano, que busque uma dinâmica mais humanizada dando conta de toda esta interação com as diferenças e não estamos tentando criar novas escolas, mas sim redirecionar as escolas existentes, isso implica em elaborar novas práticas profissionais, rever novas produções de valores, identidades e posicionamentos sociais, e sendo assim, desta forma é preciso repensar o papel social da escola para com a inclusão.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Diante do tema abordado, se fez necessário optar por uma metodologia de estudo de campo, por tratar-se do uso da língua e sinais um elemento de suma importância para a educação do indivíduo surdo. O público alvo dessa pesquisa são professores de uma escola municipal de ensino regular na cidade de Campo Grande, RN, que atuam no Ensino Fundamental e possuem algum aluno surdo em sala de aula, foram selecionados professores de disciplinas diferentes, a fim de trazer olhares e contribuições variadas, esses professores foram selecionados através da vivência de realização de um estágio não obrigatório denominado como Professor de Libras nas escolas: Formação docente, identidades, culturas e experiências, realizado nos anos de 2017/2018

O trabalho realizou-se dentro do enfoque qualitativo, no qual foi elaborado uma pesquisa de campo, na escola. Diante da pesquisa feita com os professores foram realizadas entrevistas narrativas individuais com algumas questões indutoras como: Quais estratégias são utilizadas pelos professores com o aluno surdo? Sua formação lhe ajudou com a interação entre surdo e ouvinte? Como você sabe que o aluno surdo aprendeu o conteúdo trabalhado em sala de aula? Que serão respondidas pelos professores através de narrativas direcionadas aos docentes dos surdos em escolas regulares, acerca de verificar quais estratégias são utilizadas para com esses alunos surdos em uma sala de aula mista, com alunos surdos e ouvintes.

Pela riqueza dessa pesquisa esse estudo tem o objetivo de aprofundar questões mais específicas na educação dos surdos, pois é muito importante que o meio social possa ofertar outros caminhos para o desenvolvimento intelectual e psicossocial do surdo, reconhecendo seu verdadeiro potencial e valorizando o surdo com suas particularidades na busca de uma sociedade inclusiva e igualitária.

4. 1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Desde os nossos primórdios temos registro históricos em que nos mostram que os seres humanos de um modo geral, em todo e quaisquer contexto histórico e cultural

sempre buscaram observar e pesquisar situações como também as características do meio em que estão em convívio.

Assim, a busca incansável pelo conhecimento é realizada de forma constante na vida da humanidade. Por conseguinte, a busca, o desejo e as inquietações pela procura de novos conhecimentos são intrínsecos ao ser humano, pois uma das características da humanidade é ser inquieto na busca pelo conhecimento. O ser humano possui sede do saber, porém as suas ações para conseguir executar uma boa pesquisa, irá depender de como desempenha as tarefas para avançar nesse caminho do saber, tudo isso exige do pesquisador compromisso e dedicação para se fazer uma pesquisa relevante. Sendo assim, é perceptível que os questionamentos do ser humano são estímulos direcionados uma tentativa de resoluções de problemas sociais, culturais, estruturais etc.

A pesquisa científica é caracterizada como um processo permanente e inacabado, nesse contexto, a pesquisa qualitativa representa uma sugestão de investigação que, sem perder seu caráter científico, possibilita que o investigado participe do processo e dos resultados obtidos. Para acrescentar a discussão Paulilo (1999, pag. 35) afirma que:

[...] trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna.

A pesquisa de cunho qualitativo apresentada como alternativa de investigação no campo social, possibilitando a quem pesquisa adquirir particularidades que as pesquisas quantitativas lhe impossibilitavam de desvendar. A investigação qualitativa é capaz de nos aprofundar a respeito de fatos próprios e específicos de cada indivíduo, bem como grupos pesquisados, A respeito de suas análises são asseguradas pela coerência, representatividade e confiabilidade. O aspecto metodológico qualitativo se baseia nos princípios da abertura, da comunicação, da processualidade, da reflexibilidade, da explicação e da flexibilidade, segundo Lamnek (1993.)

Diante do contexto escolar a pesquisa qualitativa, pode somar para que haja melhorias na qualificação discente e docente, pois pesquisa juntamente com ensino podem obter resultados positivos durante o processo de ensino-aprendizagem tanto do

aluno como do professor. É importante ressaltar que fazer pesquisa, não está relacionado apenas aos professores de ensino superior, mas a pesquisa e busca de conhecimento é responsabilidade daquele que educa tanto uma criança quanto um jovem ou adulto, estando eles em qualquer nível de escolaridade, caso contrário, onde estará a contribuição do professor no enriquecimento do processo de ensino? Diante disso García (1999, pag.25) nos diz:

Ser professor-investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona. (...) Ser professor-investigador é ser capaz de se organizar para perante uma situação problemática, se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução.

Sendo assim, o autor nos mostra que não importa qual o público que o professor, investigador e orientador da pesquisa atue, mas como afirma Garcia (1999), não interessa apenas a quem está em formação inicial, mas a qualquer professor em seu exercício profissional, por isso, é de suma importância que os professores busquem valorizar e aplicar mais a pesquisa em sua prática docente, tornando seu trabalho bem como a aprendizagem do aluno, uma experiência bastante enriquecedora para ambos. Pois, a pesquisa quando é vivenciada no processo pedagógico converte-se em uma ferramenta capaz de conduzir o estudante a um dialeto criativo com questionamentos. Portanto, pesquisar é uma experiência de lançar-se em algo novo e desconhecido em busca de respostas para suas indagações.

4.2 NARRATIVAS COMO METODOLOGIA E FONTE DE INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL

Em um dialeto cotidiano a palavra “narrativa” é vista com significado de “histórias” e/ou relatos de acontecimentos que envolvem seres humanos. Academicamente falando, a expressão da palavra narrativa diz respeito geralmente a algo estrutural, e a conhecer as capacidades necessárias para o desenvolvimento de uma história. Normalmente essas histórias são caracterizadas por um enredo argumentativo que envolve personagens, um início, meio, e fim juntamente com uma sequência organizada de acontecimentos.

Alguns estudiosos do ramo literário constituem uma diferenciação entre histórias e narrativas. Para (CULLER, 1975), a narrativa é um texto organizado e composto por uma história que possui acontecimentos, personagens e cenários bem

como por uma sentença que formam a apresentação ou narração da história. Conquanto, outros investigadores na área da educação fazem uso de uma explicação mais ampla sobre narrativa em que não se limita as características de formação e estruturação textual. Diante disso, para eles a narrativa é relativa aos acontecimentos e às ações humanas, portanto se tem a importância de ser estudada dentro dos contextos, tanto educativos quanto sociais. Desta forma possuem grande valor relativo aos contextos em que acontecem as narrativa, por quais razões acontecem, e o que levam o narrador a descreve-las e a que tipo de público a mesma se destina, sendo assim Segundo Bruner (1997, pg. 50)

[...] a função social da narrativa “é encontrar um estado intencional que atenua ou pelo menos torne compreensível um afastamento do padrão cultural Canonico” , narrar serve para justificar mesmo o injustificável, e chegar com ela ao equilíbrio perdido, contar a sua história ou a historia do outro significa, assim, dar forma ao que antes não tinha.

Os estudos a respeito das narrativas como forma de conhecimento é apreciado durante muito tempo por disciplinas diversificadas dentre elas estão a história e a literatura No decorrer dos últimos anos a educação também passou a distinguir a importância da narrativa como metodologia de pesquisas e investigações para o desenvolvimento pessoal e profissional de professores e profissionais da educação.

A narrativa constitui um processo de desenvolvimento interacional, independentemente de como é utilizada. É através de pesquisas e investigações que as narrativas interagem com os outros, buscando e interpretando as suas diferentes identidades, na tentativa de entender as motivações, causas e intenções que se escondem por trás de cada acontecimento narrado, através dessa metodologia interacional da narrativa o investigador conhece melhor os outros bem como podendo reconhecer melhor a si próprio, assim sendo (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18) nos fala que:

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”

Sendo assim percebe-se que o sucesso profissional e pessoal de cada sujeito se dar, decisivamente por meio de suas capacidades de interação , ou seja, pela sua capacidade de entender e decifrar as narrativas das pessoas que os rodeiam.

4.3 ENTREVISTA NARRATIVA

As entrevistas narrativas de início se propõem a lidar com relatos e fatos, por exemplo, a experiência de cada indivíduo, sendo ela tanto individual quanto coletiva, como também trata de histórias de vida dentro de situações sócio-histórico. A entrevista narrativa possibilita ao investigador distinguir e refletir a respeito dos aspectos característicos que produzem histórias entre o individual e a sociedade. Sendo assim esse método de pesquisa não só nos oferece histórias individuais, mas também, ideias de coletividade.

Entende-se que nesse método de pesquisa não é suficiente apenas assimilar e absolver as experiências individuais e coletivas, pois toda narrativa é carregada de uma singularidade, nos permitindo estender um olhar sobre a temática a partir da trajetória de cada entrevistado; A narrativa nos permite ter uma experiência muito importante, que é a de troca, esse ato de ouvir o outro em suas experiências. A entrevista narrativa se tornou uma ferramenta de suma importância para a pesquisa qualitativa, pois, não existe uma experiência humana em sociedade que não seja transmitida ou manifestada através de uma narrativa. Nesta perspectiva Jovchelovitch e Bauer (2002, pag.93) nos relatam que:

As narrativas se prologam além das setenças e dos acontecimentos que as constituem estruturalmente, elas partilham das características da setença sem nunca poderem ser reduzidas a simples soma de suas setenças ou acontecimentos que as constituem, deste modo, compreender uma narrativa não é apenas seguir a sequência cronológica dos acontecimentos que são apresentados pelo contador de histórias: é também reconhecer sua dimensão não cronológica expressa pela função e sentidos do enredo.

Diante disso além da narrativa ter papel de suma importância nas pesquisas atuais, pelo fato de enriquecê-las com as experiências e relatos dos entrevistados, também é de grande importância que na entrevista narrativa os entrevistados sintam-se encorajados a falar livremente. Como nos diz Jovchelovitch e Bauer (2002). Para isso, é necessário que haja um questionamento geral que irá orientar o entrevistado, ou seja,

uma questão inicial, que aborde algo do seu corriqueiro, de sua vivência, que incentive esse entrevistado a falar naturalmente a respeito da sua trajetória de vida.

Para que seja realizada uma entrevista narrativa em que se obtenham bons resultados, é necessário seguir alguns procedimentos e regras exigidas por esse tipo de método, sendo assim segundo Jovchelovitch e Bauer (2002) a entrevista narrativa se processa através de quatro fases. Começando com a iniciação em que se move através da narração e da fase de questionamentos, terminando com a fase da fala conclusiva, a seguir iremos detalhar um pouco sobre cada fase necessária para a elaboração da entrevista narrativa:

A princípio o primeiro passo para elaboração de uma entrevista narrativa é a preparação, nesse momento é preciso definir o objeto de estudo, bem como ter clareza sobre as objeções, saber identificar os entrevistados a partir de critérios previamente estabelecidos e buscar possuir uma boa relação com os sujeitos, em seguida partimos para a realização da questão inicial, conseqüentemente a elaboração das narrativas, dando continuidade na organização da entrevista avançamos para a fase de estruturação de perguntas, que Jovchelovitch e Bauer (2002) nomeiam de questões exmanentes.

São os questionamentos que criamos a partir de nosso objetivo principal a ser pesquisado, é o momento de saber o que se faz relevante para o pesquisador. Jovchelovitch e Bauer (2002, p.97), a priori nos falam que: “[...] o pesquisador necessita criar familiaridade com o campo de estudo. Isso pode implicar em ter de se fazer investigações preliminares, ler documentos e tomar nota dos boatos e relatos informais de algum acontecimento específico[...]”.

O segundo momento, o da “narração central”, é preciso desenvolver algumas técnicas e cautela, , é preciso garantir seu interesse para obter uma narração rica e bem detalhada, também é preciso que o tópico seja de significância pessoal e social, e/ou comunitária, não é necessário fazer interrupções e perguntas, é preciso que se restrinja apenas a uma escuta ativa, porém o entrevistador poderá demonstrar apoio não verbal ou paralinguístico, mostrando interesse, por exemplo: (“hmm”, “sim”, “sei”), Jovchelovitch e Bauer (2002) denominam esse momento de “coda”, cujo significado é que entrevistado se detém e dá sinais de que a história chegou ao seu final.

Na terceira fase, a dos questionamentos, o entrevistador irá colher os seus frutos para pesquisa, porém o entrevistador não poderá começar até que comprove com clareza o fim da segunda fase, que é a da narração central. Na fase do questionamento existem algumas regras básicas, sendo uma das principais: a primeira não faça perguntas do tipo

“por quê”?, É permitido apenas utilizar pergunta referentes aos acontecimentos, como o que aconteceu “antes, depois e então”?; Na segunda regra é necessário perguntar apenas questões iminentes, empregando apenas as palavras do entrevistado, a terceira regra é não apontar contradições na narrativa, sendo assim essa fase de questionamento tem como principal finalidade eliciar material novo e adicional além da esquematização autogeradora da história.

Na quarta e última fase que é a da fala conclusiva, o entrevistador poderá empregar questões do tipo “por que”?, também é necessário ter um diário de campo ou formulário para que haja sintetização dos conteúdos e comentários informais para obter mais informações depois da entrevista, podendo ter a oportunidade de interpretar a partir da linguagem informal do narrador o que está sendo dito para além de uma fala pré-estabelecida. É notório a partir das discussões acima, que o papel e postura enquanto entrevistadores é fundamental para que haja bons frutos a partir das narrativas, permitindo aos entrevistadores ter desdobramentos em relação ao entrevistado e nosso campo de pesquisa, portanto a articulação entre o método e a técnica em entrevistas é imprescindível para que possa obter e captar os detalhes e experiências que se somam também a uma interpretação coletiva.

4.4 COLABORADORES DA PESQUISA

Participaram desta pesquisa três professores que atuavam no 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Campo Grande. Os professores são, dois do sexo masculino e um do sexo feminino, todos os três professores possuem vínculos empregatícios na rede estadual e municipal, são graduados em História, Pedagogia, e Física, todos possuem mais de 5 anos de experiência em salas de aulas regulares, esses profissionais estão inseridos em uma faixa etária de idade entre 30 a 45 anos. Sendo assim, o convite de participação foi lançado na oportunidade em que acontecia o estágio não obrigatório, na referida escola, e neste contato com os referidos professores surgiu algumas indagações sobre suas aulas, e seus métodos de ensino, diante disso os três docentes se colocaram à disposição para participar da pesquisa.

Portanto, é considerável que haja uma breve apresentação desses colaboradores para que possamos traçar um perfil em busca de facilitar e aproximar a análise das narrativas de cada um desses profissionais, já que os nomes que serão utilizados para identificar cada um desses professores serão fictícios, Os mesmo foram denominados

como Stephen , Marcos , Paula a fim de ser respeitado o direito ao seu anonimato, previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos colaboradores da pesquisa.

Tabela 1. Perfil dos participantes

Professor	Formação acadêmica	Experiências anteriores com Libras e/ou alunos surdos	Período de formação acadêmica
Stepheng	Física	Não	2004 - 2008
Marcos	História	Não	1996 - 2001
Paula	Pedagogia	Não	2010 - 2014

Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras

Diante do que aqui foi exposto, no quadro acima, podemos perceber em relação ao tempo de formação de alguns dos participantes que os mesmos possuem muitos anos de experiência como docente, onde o tempo menor é de 15 anos e o maior é de 20 anos, porém, ainda é recente o trabalho dos mesmos com alunos surdos em sala de aula regular.

Isto posto, é importante ressaltar que é apenas uma pequena parcela do povo surdo que estão a frequentar a escola, onde os demais indivíduos surdos são pertencentes ao grupo que não frequentam a escola, e por isso não tem contato com sua língua natural, ficando prejudicados pelo fato de que, segundo Lacerda e Santos (2013, p.54)

[...] A comunicação e interação com o outro são fundamentais para o processo de desenvolvimento intelectual, cognitivo e linguístico. Portanto a comunicação e a interação com o outro em língua de sinais

são fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo.

Assim sendo, se faz necessário que esses alunos que ainda não estão inseridos no sistema regular de ensino, passem a ser inseridos o quanto antes na escola, para que eles possam usufruir de seus direitos previstos na Constituição Federal, e amparados pela LDB, e, por conseguinte, serem alfabetizados, e conseguirem se comunicar com as demais pessoas do seu convívio, tanto através de sua língua natural, sendo ela a LIBRAS, como também pela língua portuguesa na modalidade escrita, e desse modo obter o seu desenvolvimento linguístico e sociocultural.

4.5 ÉTICA NA PESQUISA

Ao longo de alguns anos, a importância e o papel da ética no processo de formação de indivíduo tem sido foco de discussão por muitos filósofos, educadores e teóricos, essa temática também percorre por diversas áreas do conhecimento, atualmente toda pesquisa possui uma etapa de coleta e análise de dados, dessa maneira para obtermos informações referentes aos colaboradores e/ou até mesmo com as instituições, o pesquisador precisará invadir mundos e vidas na busca de examinar práticas sociais públicas ou privadas e, às vezes, até mesmo a intimidade física e emocional das pessoas.

Assim, o trabalho do investigador precisa ser bastante peculiar, pois quando se tem posse dessas informações, o pesquisador, dependendo da maneira de como as trata, analisa e divulga, tem o poder em suas mãos tanto de contribuir para o benefício social dos sujeitos como também prejudicar a imagem pública de ambos, podendo por em risco a integridade física de pessoas, assim sendo Ferreira. (1995, p. 280), nos mostra que no plano etimológico, ética é "o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto".

Independente de qualquer que seja a temática da pesquisa, sempre haverá interesses que nem sempre irão coincidir com os interesses dos sujeitos participantes da pesquisa. A questão de ética na pesquisa tem se tornado mais evidente nas abordagens qualitativas, pois estas costumam conter bem mais informações sobre os indivíduos investigados, pois poderá ter informações da intimidade dos colaboradores ou de

pequenos grupos. Corroborando com esse pensamento os autores Bogdan e Biklen (1994, p.77) apresentam alguns princípios a respeito dessas investigações que são:

1. As identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhe qualquer tipo de transtorno ou prejuízo. O anonimato deve contemplar não só o material escrito, mas também os relatos verbais da informação recolhida durante as observações. O investigador não deve revelar a terceiros informações sobre os seus sujeitos e deve ter particular cuidado para que a informação que partinha no local da investigação não venha a ser utilizada de forma política ou pessoal.
2. Os sujeitos devem ser tratados respeitosamente e de modo a obter a sua cooperação na investigação. [...] Os investigadores não devem mentir aos sujeitos nem registrar conversas ou imagens com gravadores escondidos.
3. Ao negociar a autorização para efetuar um estudo, o investigador deve ser claro e explícito com todos os intervenientes relativamente aos termos de acordo e deve respeitá-los até a conclusão do estudo. [...] Se concordar em não publicar os resultados, deve igualmente manter a palavra dada. Dado que os investigadores levam a sério as promessas que fazem, deve-se ser realista nas negociações.
4. Seja autêntico quando escrever os resultados. Ainda que as conclusões a que chegam possam, por razões ideológicas, não lhe agradar, e se possam verificar pressões por parte de terceiros para apresentar alguns resultados que os dados não contemplam, a característica mais importante de um investigador deve ser a sua devoção e fidelidade aos dados que obtém. Confeccionar ou distorcer dados constitui o pecado mortal de um cientista.

Diante do exposto é importante também lembrar que a priori, antes de dar início a pesquisa de campo, as normas éticas recomendam ao pesquisador que informe aos participantes sobre o objetivo da pesquisa e qual a sua finalidade, bem como esclarecer os procedimentos de coleta de informações e como serão utilizadas e divulgadas pelo pesquisador.

Portanto, os investigados podem aderir “voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e das obrigações nele envolvidos” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 75). Isto posto, (SOUSA, 2007, p. 226) ainda acrescenta que: “síntese, a ética pode iluminar a consciência do homem, fundamentando e dirigindo suas ações, no plano individual e social”, por conseguinte é necessário que nós, enquanto investigadores, possamos assumir com os investigados um compromisso de respeito e ética, com o método adotado e com o todo que forma a pesquisa de maneira geral.

Assim, para participação da presente pesquisa, foi elaborado um TCLE, no qual constava o título, objetivo, os riscos bem como a autonomia de permanecer ou não até o final da pesquisa.

4.6 *LÓCUS* DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com três professores de uma Escola Municipal de 1º e 2º Grau de Campo Grande – RN, a referida escola é uma entidade mantedora municipal, funcionando nos dois turnos: manhã e tarde. Atende a Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. Para dar suporte ao trabalho docente a escola dispõe de equipamentos didáticos pedagógicos, como: TVs, DVD, Vídeo Cassete, projetor, projetor multimídia, computadores administrativos e para alunos, impressora laser e multifuncional, acervo bibliográfico, aparelho de som, câmara fotográfica/filmadora, copiadora, antena parabólica.

Quanto a caracterização, podemos afirmar que a escola é de médio porte, prédio construído especialmente para funcionar como escola. O espaço físico atualmente dispõe de 14 salas de aula, está também dispõe de 01 sala de diretoria, 01 sala de professores, 01 sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), 01 sala de secretaria, laboratório de informática, 01 biblioteca, 01 refeitório, 01 cozinha, 03 banheiros, sendo 02 para os alunos e para funcionários da escola, almoxarifados, despensa e 01 quadra de esporte. Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

Quanto ao quadro de funcionários administrativo, a escola dispõe de 72 funcionários. (01) diretor, (01) vice-diretor, (03) supervisores, (01) coordenadora pedagógica, (01) secretaria geral, (03) auxiliares de secretaria, (02) digitadores, (01) auxiliar de secretaria, (02) bibliotecárias, (04) coordenadores de turno, (04) merendeiras, (08) ASGs, (03) porteiros, (04) vigias, (35) professores com formação em pedagogia, português, matemática, ciências, história, geografia, artes, religião, inglês, cultura, e educação física, sendo (01) da sala do AEE e (01) na sala de vídeo e informática. O pedagogo é graduado em Pedagogia pela UERN e em Letras/Libras pela UFRSA/Caraúbas. Não constamos com TILSP no quadro de funcionários. Quanto aos alunos matriculados de acordo como o senso tem um total de 543 sendo oriundos da zona rural e zona urbana.

4.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O processo de análise das narrativas dos professores será realizado com todo cuidado, buscando respeitar de forma fiel a fala de cada entrevistado, tendo devido cuidado para não macular sua interpretação, sendo assim tentaremos, ao máximo, nos aproximar de suas experiências vivenciadas por eles em seu cotidiano.

As entrevistas foram realizadas no período um mês, maio de 2019, dois dos colaboradores foram entrevistados em seu ambiente de trabalho, apenas um teve sua entrevista realizada em sua residência.

Após as entrevistas fizemos uma transcrição na íntegra das respostas, em seguida fizemos uma primeira redução, em paráfrase, e por fim, separá-las em palavras chave. Seguindo as orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002), o texto é organizado em três colunas. Para melhor entendimento, apresentaremos abaixo um quadro explicativo dessas reduções.

Tabela 2. Procedimentos de análises

TEXTO	1º REDUÇÃO	2º REDUÇÃO
Transcrição na íntegra	Sentença sintética	Palavras-chave

Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras

Esse procedimento de redução é relevante para uma melhor análise, ressaltamos que não desejamos ingressar os resultados, mas facilitar o processo de análise e entendimento dos eixos e das categorias que surgiram a partir das reduções.

Destacamos ainda que essa categorização das entrevistas narrativas está sob a égide de Jovchelovitch e Bauer (2002) que aconselha criação de categorias que contemplem as narrativas dos colaboradores, isto é, as próprias narrativas nos conduziram para criação dos eixos e categorias. Além disso, esse procedimento de análise é uma prática desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto) Biográficas em Educação (GEPNAE), que está vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades (GRIFARS).

5. DA TEORIA PARA PRÁTICA: O QUE NÃO ME EXPLICARAM NA GRADUAÇÃO

É comum encontramos discussão sobre formação inicial docente e a relevância atribuída durante seu processo formativo, pois há uma significativa importância no conhecimento teórico adquirido durante o processo de formação docente, esse conhecimento adquirido auxiliará o professor em suas práticas em sala de aula.

Ao refletirmos sobre a temática de teoria e prática na formação docente se faz necessário entender a importância durante esse processo de formação do educador. É importante buscar formas de colocar em prática a teoria adquirida na universidade. Para tal fim, o professor precisa ressaltar as teorias pedagógicas que se fazem necessárias nas salas de aula contextualizando-as com a realidade dos discentes.

Deste modo, a aprendizagem irá tornar-se significativa para os alunos permitindo que o aluno da graduação vivencie uma relação dialética no ensino, mediada pelo diálogo, criticidade e criatividade, interpostos em sala de aula.

Vale ressaltar que também é necessário que o professor rompa alguns paradigmas tradicionais e se alie a uma prática de reflexão e criticidade tendo o diálogo como base, só assim a atividade docente irá transcender o ensinar e se torne uma aprendizagem significativa para professores e alunos, desse modo Lima (2002, p. 41) afirma que “[...] o trabalho docente é colocar esses saberes em movimento e, dessa forma, construir e reconstruir o conhecimento ensinando e aprendendo com a vida, com

os livros, com a instituição, com o trabalho, com as pessoas, com os cursos que frequenta, com a própria história”.

Outro fator que vale a pena ressaltar é a mudança da grade curricular educacional, que ocorre a cada 4 anos, o que acarreta uma mudança no perfil do egresso, assim, além de colocar em prática o que aprendeu durante a graduação, precisará estar numa constante busca de conhecimento, pois a sala de aula é dinâmica e as especificidades dos alunos são diversas, precisando estar sempre em formação continuada para que a partir daí possa se especializar e consiga atender com eficácia a demanda de desafios enfrentados pelos professores em seu dia-a-dia.

Assim, Então... nós tivemos sim um curso preparatório só que muito rápido... Um curso que se nós quiséssemos realmente trabalhar com a determinada deficiência nós teremos que nos aprofundar bastante, porque não é um campo assim muito fácil, é um campo que a gente realmente tem que ter bastante interesse e dedicação [...](PAULA, 2019)

Nossos colaboradores compreendem essa necessidade quando afirmam que a universidade não os preparou para atuarem com alunos surdos, não conhecem a língua, nem as especificidades inerentes aos surdos, surdez e cultura surda, o que naturalmente causa um choque inicial quando se depara com essa situação em sala de aula.

“Não. Na minha graduação não tive nenhuma disciplina voltada para esse tipo de situação né, A Libras se faz muito importante na escola, como eu posso dizer é...não só com um profissional que possa ajudar o professor e o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem, e comunicação com os outros alunos, mas, é também o ensino da linguagem de sinais deve fazer parte da grade curricular da escola já que também é uma linguagem oficial no nosso país né.” (STEPHEN, 2019)

Nossos colaboradores cursaram seus respectivos cursos no período de 1996 a 2014, nesse período as discussões sobre surdo e educação de surdo começam a ficar latente, pois só em 2005, após o decreto 5.656 de 22 de Dezembro, que passou a ser obrigatório na grade curricular dos cursos de licenciaturas, pedagogia e fonoaudiologia. Os professores que ingressaram ou se graduaram antes disso não tiveram contato com a Libras.

Então... durante a minha graduação não tive nenhum ensinamento sobre tal assunto, e... e isso né acabou me deixando despreparado para esse tipo de alunos, entende?, Eu acho muito importante a inclusão de profissionais dessa área nas escolas para auxiliar os professores em sala de aula né, assim ...,e auxliar também né, na comunicação com esse tipo de alunos. (MARCOS, 2019)

Marcos (2019) se sente despreparado e compreende a importância da presença de profissionais que saibam entender e atuem com alunos surdos, pois há uma barreira comunicacional entre o surdo e o professor, entre o surdo e os demais colegas, entre o surdo e todos que compõem a escola. Dessa maneira, o surdo frequenta a escola mas não é uma parte integrante desse espaço. Infelizmente sem as acessibilidades necessárias para o ingresso e permanência do surdo na escola, ele não se desenvolverá adequadamente enquanto sujeito (GESSER, 2008)

[...] portanto, educar não é algo fácil, ensinar ler e escrever não é algo fácil... ensinar a ler e escrever a crianças com deficiência seja qual for, se torna ainda mais difícil porque nós temos que ter além do conteúdo muito bom de alfabetização, nós temos que adaptar esse conteúdo a outro tipo de linguagem, uma linguagem que nós ainda estamos buscando... como é que se diz... nós ainda estamos buscando aperfeiçoar e de uma certa forma, ampliar essa linguagem, é uma linguagem que fica ainda é... muito restrita em poucos ambientes por exemplo fica restrita a alguns cursos fechados, não é aberto para todo mundo a gente faz um curso de Libras, mas tem que estar praticamente o tempo todo, praticando praticando direto, para poder adquirir sabe... a prática mesmo, a segurança de se comunicar com alguém assim... então, é bem desestimulante a gente saber que, nós profissionais, não temos nem tempo, nem condições de nos aperfeiçoarmos e seria muito interessante que houvesse profissionais disponíveis nas escolas para que começasse de criança a ter ... como é que se diz... a obter esse conhecimento para que quando a gente não esteja num certo nível de idade mais velho fique cada vez mais difícil de se praticar a linguagem de sinais. (PAULA, 2019)

Paula (2019) apresenta em sua narrativa dois elementos que queremos destacar. O primeiro uma preocupação com seu papel de professor, pois reconhece que não é fácil o processo de ensino-aprendizagem do sujeito, principalmente quando é surdo, pois envolve várias esferas da alfabetização, são elas: conteúdo; material didático; métodos de ensino e adaptação linguística. Para ele, isso é tudo muito novo pois ele “ainda está buscando”, ou seja, ele ainda não domina, permanece sendo um desafio.

O segundo elemento que queremos destacar é o falta de estímulo, pelo fato dos professores não terem tempo, nem condições de se afeçoarem. Ainda podemos

acrescentar a essa falta de estímulo de Paulo, o pouco contato e/ou ausência do contato com surdos e ouvinte que dominem a Libras. A Libras como qualquer outra língua, é melhor aprendida e apreendida em contexto de uso. Por mais que seja oferecidos cursos na área, é necessário que os professores tenham contato direto com os usuários da língua, caso contrário, será um conhecimento puramente teórico sem o contato necessário com o povo e a cultura surda.

A seguir discutiremos sobre as estratégias utilizadas pelos professores ouvintes com o aluno surdo, sobre como eles ensinam, quais suas práticas, objetivando entender como se dá o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

6. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES PARA O ENSINO DO ALUNO SURDO

A maneira como é conduzida ou selecionada os interesses para o aprendizado de qualquer ser humano depende muito da visão que se tem das relações com o mundo. A escola é um dos espaços da fase da escolarização mais importante na vida de qualquer indivíduo, pois é através dela que nos desenvolvemos tanto cognitivamente como socialmente, sendo assim Aranha (2004, p.65) fala que a escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades.

Assim, uma escola somente poderá ser considerada inclusiva de ensino significativo quando estiver organizada para favorecer a cada aluno, independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados.

Contudo, essa realidade de escola como ambiente reflexivo e inclusivo infelizmente não acontece de forma igualitária na vida de todos que frequentam a escola, alguns indivíduos são impossibilitados de participar de maneira efetiva do que a escola oferece, pois, embora frequentem a escola regularmente, eles muitas vezes não se desenvolvem cognitivamente e socialmente devido as suas particularidades, um exemplo presente são os surdos, a seguir discutiremos sobre a falta de conhecimento a respeito de quais estratégias devem ser utilizadas com esse grupo de pessoas.

Bom... então... Como professor me sinto um pouco incapacitado para lecionar uma aula para uma sala que possui alunos surdos, assim eu ... é, eu busco o máximo a comunicação com surdo, porém não tenho conhecimento suficiente da linguagem brasileira de sinais para que possa passar de forma clara e objetiva os conteúdos necessários na sala de aula, né... então, assim eu vou deixando esse aluno com grande prejuízo no seu desenvolvimento escolar. (STEPHEN, 2019.)

Diante da resposta de Stephen (2019) podemos perceber claramente a falta de conhecimento, bem como o despreparo dos professores para com aluno surdo em sala de aula regular, o mesmo afirma que tenta uma comunicação porém de maneira informal, utilizando apenas gestos pois não possui conhecimento na Libras, diante disso, vale a pena ressaltar que se faz necessário que o professor busque competência e habilidades para superar obstáculos que possam surgir em seu ofício. Pois fazer inclusão não se caracteriza apenas em ter alunos com deficiência estudando com os demais.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994), a escola inclusiva acolhe a todos os alunos, com e sem deficiências, pertencentes as minorias ou condições desprivilegiadas. Portanto, é um espaço educacional acolhedor que responde as necessidades específica de todos os alunos.

Então, no início não me preocupava tanto sabe? Pois, havia uma questão de ter que passar o aluno com essas deficiências, aí... depois passei a me preocupar, já que... já que passei a ter amizade com o surdo meu aluno né e me preocupei com ele que ficava sem entender o que eu explicava. (MARCOS, 2019).

Na fala do professor Marcos (2019) é perceptível que há uma generalização da resposta, como também a presença de resposta espontânea, de senso comum. Bem como uma sensibilização fundamentada pelos laços afetivos, ou seja, infelizmente, outrora o professor não estava “preocupado”, pois há uma questão de aprovar os alunos deficientes, no entanto, essa fala não é fundamentada em nenhum instrumento legal. A lei prevê acessibilidade e não aprovação aleatória.

No entanto, não queremos aqui expor ou responsabilizar os nossos colaboradores por esse tipo de entendimento, mas queremos apresentar uma realidade que pode ser comumente encontrada, mas não deve ser naturalizada. Os surdos enfrentam obstáculos para participar do processo escolar, decorrentes de sua perda auditiva.

Dessa maneira, é sabido que a exclusão do surdo na escola se dá porque as metodologias são voltadas somente para os alunos ouvintes, logo o professor pouco se interessa em aprender como trabalhar com alunos surdos, sendo assim Thoma (2005), nos mostra sobre a dificuldade que o aluno surdo passa dentro da sala de aula regular, o professor deveria buscar refletir acerca de que “[...] passamos muitos tempo não admitindo que essas dificuldades poderiam estar relacionadas à nossa incompetência em ensiná-los”.

Bem é ... Primeiro que eu preciso de um instrumento, como é que se diz de comunicação, já que nem eu nem o aluno temos essas opções, eu vou trabalhar com questões de mímica, de sinais com as mãos como é que se diz , mais símbolos, buscar muitos símbolos pra poder a pessoa tá reconhecendo aquilo que eu estou falando tentando transformar a minha fala numa comunicação tanto para ele quanto para mim. (PAULA, 2019)

Diante do posicionamento de Paula (2019) é possível perceber a grande complicação que existe nesse ambiente escolar, em que os professores estão claramente despreparados para trabalhar com esse aluno, a escola não utiliza de nenhum material didático que possa vir auxiliar no aprendizado desse aluno, bem como o mesmo não tem nenhuma metodologia formal específica para sua limitação auditiva.

Percebemos assim, que é visível a existência de um despreparo na inclusão dos discentes surdos na escola de ensino regular, pois os professores estão preparados, não há materiais visuais para a melhoria no entendimento dos alunos surdos, não existe acesso à internet com intuito de melhorar o ensino, falta de aparelhos de televisão, dicionários de Libras, instrutores de Libras, bem como intérpretes que são fundamentais para a interação desses alunos na escola. Portanto Carvalho e Barbosa (2008), afirmam que é preciso que exista um ambiente de colaboração em que as atividades são compartilhadas entre surdos e ouvintes, pois assim acontecerá a inclusão, bem como estará sendo respeitadas e aceitas as diferenças individuais. A partir disso, se faz necessário refletir a respeito de uma didática flexível que ofereça o mesmo conteúdo curricular e que respeite as especificidades do aluno surdo sem perda da qualidade do ensino e da aprendizagem. A seguir, discutiremos sobre como esses professores conseguem ter um feedback a respeito do seu aluno surdo, já que eles, os professores, não fazem uso das metodologias voltadas para a pessoa com surdez.

7. “NÃO CONSIGO TER FEEDBACK”

A interação afetiva no ambiente de sala de aula se tornou um processo essencial para o sucesso escolar, mas, quando está ligada à inclusão de pessoas surdas, supostamente, torna-se um processo dissociado do ensinar e do aprender, transformando a inclusão em uma exclusão interna no âmbito escolar. Diante disso é importante ressaltar que para que haja a transmissão do conhecimento de todo e qualquer indivíduo, é necessário que tenha um envolvimento interativo entre professor e aluno. Pois para haver essa troca é preciso socialização, e afeto entre ambos. Boff (2003, p. 30) “[...] destacou que as relações se tornam mais humanizadas quando há uma espécie de comunhão e de paixão profunda entre os interlocutores”. A inclusão do surdo no ambiente de ensino já faz parte do processo educacional, por isso cabe aos profissionais da educação buscar aperfeiçoamento em suas respectivas áreas de atuação para que haja o atendimento desta demanda. Pois, como foi mostrado nas respostas anteriores dos professores, nem todos esses profissionais estão preparados.

Dando continuidade as análises diante das respostas dos professores, podemos perceber que o aluno surdo não usufrui do de fato e de verdade do seu direito a educação, pois estar em sala de aula não é a mesma coisa de estar participando dela, de estar vivenciando o processo de ensino-aprendizagem. Percebemos também que a comunicação entre o aluno surdo e o professor é comprometida, não há uma interação comunicativa, não há um uso adequado da língua e da linguagem entre eles.

Porque assim ...Eu não tenho como compreender que ele tenha entendido o conteúdo né, pois não tenho uma comunicação muito boa entende? já que, não tenho conhecimento de Libras. Geralmente eu ... eu avalio com trabalho e provas por consulta. A prova é sempre igual a dos outros alunos e ele faz com outro aluno que escolhe. E é isso, eu não consigo ter esse feedback, pois não sei se ele entendeu o conteúdo. (STEPHEN, 2019)

A nossa observação nos fez perceber que o professor Stephen (2019), não demonstra uma atitude pedagógica inclusiva, uma vez que suas metodologias são voltadas para o modelo oralista. As atividades são comuns a todos os alunos e tem ênfase na oralidade, ao surdo cabia apenas a leitura labial. Sendo assim, Mantoan (2006), demonstra que os professores de escolas regulares se sentem incapacitados para lidar com as diferenças na sala de aula, principalmente quando se trata das deficiências sendo ela qual for.

Então,infelizmente devido à falta de comunicação o aluno praticamente não consegue absorver quase nada do conteúdo, e... fica apenas como um mero observador em sala de aula, né, e assim acaba sendo avaliado da mesma forma que os outros alunos.
(MARCOS, 2019)

De acordo com a resposta de Marcos (2019) é possível refletirmos acerca de como esses alunos são esquecidos e excluídos nas escolas regulares, pois mesmo estando “presentes”, são apenas meros indivíduos sem direito a participação, interação e expressão de suas opiniões a respeito dos temas trabalhados em sala de aula.

Diante disso Bagarollo e França (2013, p.12), fazem uma crítica ao sistema escolar ao ressaltarem que “[...] apesar do avanço das leis e decretos que dizem respeito à surdez, na prática, o que se percebe é que a escola regular continua sem saber trabalhar com as especificidades dos alunos surdos”. Pela observação realizada, a escola em que se deu a pesquisa, é um desenho que corrobora com esse modelo imprimido pelas autoras acima mencionadas.

Porque assim... se eu conseguir tanto ser entendida quanto entender eu vou ter essa resposta com conteúdo, geralmente fica muito difícil da gente avaliar um aluno que não sabe ler ou escrever. Na maioria das vezes, o aluno surdo ele tem uma dificuldade grande de leitura e mais ainda de escrita, então fica quase que ... na maioria das vezes difícilimo, e chega a ser raro o aluno surdo ler e escrever. Portanto, hoje em dia, nós temos nas nossas escolas nos nossos ambientes escolares, uma deficiência que não é a deficiência do próprio aluno, mas uma... uma deficiência do professor também porque, porque não estamos preparados para receber alunos com os quais nós não temos nem um... Não dominamos nenhuma técnica de Libras. E, então assim, não podemos avaliar até que ponto esse aluno tá entendendo o conteúdo por uma questão de leitura labial... e se não temos como comprovar isso com a escrita dele com a opinião escrita dele que seria a transcrição das respostas nas provas. (PAULA, 2019)

Mediante a fala do educador, foi identificado nessa resposta que por não ter métodos e estratégias voltadas para a educação de surdos esse aprendizado não traz benefícios para esse aluno surdo, em vista que as aulas se baseiam em leitura e escrita no quadro e em livros didáticos, em momento algum é citado pelos professores o uso de materiais que favorecem a modalidade gestual visual que pertence a comunidade surda.

Na sala de aula onde esse aluno está inserido não foi possível identificar nenhum cartaz ou outro material que representa a Libras, língua natural do povo surdo, consequentemente podemos perceber que a inclusão ainda não acontece de forma correta e efetiva naquele ambiente escolar.

É perceptível que nessa escola não existe estratégias que favoreçam o processo de aprendizagem do surdo, pois como sabemos e nos relata Quadros, (2007, p.143), “[...] os surdos têm o direito de ser alfabetizados com a Libras, sua primeira língua e o português como segunda língua, para ter a possibilidade de interagir com os ouvintes e toda a sociedade.”

Identificou-se também que a maior barreira para esses professores é a falta de comunicação, conseqüentemente, por falta de domínio da Libras, pois os três colaboradores possuem o mínimo de conhecimento da língua de sinais, sendo assim, diante do relato acima, é possível perceber que a comunicação dos professores com o aluno surdo está muito defasada, e muito distante do real sentido de inclusão, e com isso, vamos ao encontro das palavras de Lacerda e Santos (2013, p. 54), onde os mesmos afirmam que os alunos Surdos nas escolas regulares: “É participante de programas educacionais voltados para ouvintes e elaborados por ouvintes, sem qualquer participação de surdos, portanto sem que se considerem o seu modo de viver e aprender sua cultura, sua língua, suas necessidades e seus interesses”.

A partir dessas observações, também foi visto que os professores relataram que quase não interagem com seu aluno surdo, certamente por não dominarem a Libras. Neste caso de encontro com uma pesquisa de mestrado de Lorenzetti (2006) em que o mesmo discutiu a respeito do tema “experiências das professoras no processo de inclusão do aluno surdo no ensino regular da rede municipal de ensino na cidade de Itajaí, em Santa Catarina”, em que concluiu:

[...] os resultados evidenciam a necessidade de dar continuidade ao processo de formação dos professores que atuam com alunos surdos, pois um dos aspectos relevantes da pesquisa refere-se à forma de comunicação utilizada pelos alunos surdos, sendo que a comunicação através da língua de sinais, e não da linguagem oral, demonstrou ser o maior obstáculo que dificulta o processo de inclusão. (LORENZETTI 2006, p.1 apud LACERDA E SANTOS, 2013, p.55)

Nesse sentido, é importante perceber o quanto é relevante para o surdo ter em sala de aula profissionais capacitados como intérpretes, para que possam vir a dar suporte para esses professores, também cursos de formação continuada nas escolas, que visem preparar esses profissionais para os desafios que precisam ser enfrentados em seu cotidiano.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos realizar uma análise das estratégias de ensino voltadas a alunos com surdez na sala regular de ensino. Ao finalizar nossa pesquisa ficou claro que educar ainda é um desafio que poucos docentes são capazes de vencer. O ensino aprendizagem de pessoas surdas requer práticas de ensino inovadoras, que possibilitem ao docente uma certa qualificação, esforço e dedicação a mais, pois a sala de aula regular em seu contexto atual está incluso cada dia mais educandos com surdez, cabendo ao professor promover a inclusão em sala de aula.

O sistema inclusivo deve buscar abranger uma modalidade de educação que valorize o outro com suas particularidades. Em relação a surdez uma criança com esse tipo necessidade, é preciso que seja realizado toda uma adaptação de conteúdos e estratégias das aulas, para que assim haja uma forma real de participação e desenvolvimento dos mesmos no ambiente escolar. Os resultados alcançados nesta investigação, deixa claro que os desafios precisam ser superados por todos os envolvidos no ato de educar, escola e sociedade.

Nesse sentido, se faz necessário apenas esperar mudanças estruturais, pedagógicas, políticas e humanas diante das pessoas com surdez. Pois, como foi relatado nessa pesquisa existem leis que amparam essas pessoas, porém em alguns municípios não passam de meros papéis bordados, é preciso que se abra espaços a novas práticas que possibilitem aos indivíduos com surdez potencializar suas diferenças linguísticas e culturais, numa perspectiva de consolidar o bilinguismo. Em especial no ato de alfabetizá-los.

Outro ponto importante que vale a pena ser ressaltado, é que nós enquanto professores, precisamos ser cientes de que é preciso continuarmos estudando e nos preparando para o trabalho diversificado e de constante evolução quando se trata da educação, sendo assim é preciso sabermos ser capazes de conviver com o diferente e saber lidar com as diferenças, para que em vez dessas diferenças se tornarem barreiras para nos professores, sejam vistas como algo a ser superado e não apontadas como dificuldades, é preciso se trabalhar de acordo com a especificidade de cada aluno.

Diante disso, fica para nós a reflexão da importância de cada ser humano para a sociedade, bem como para a educação, e mostra que devemos agir, em busca da união, da cidadania e igualdade social. É muito importante para essas pessoas com limitações, assim como para nós ouvintes, aprendermos uns com os outros numa troca recíproca de

conhecimentos tanto de vida, como de história, e assim ambos podermos ter a certeza de que fazemos parte de um mesmo universo e da mesma história.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. S. F. **Educação inclusiva: transformação social ou retórica?** In: OMOTE, S. *Inclusão: intenção e realidade*. Marília, SP: Fundepe Publicações, 2015.
- BAGAROLLO, M. F. F., Maria Denise V. Romano (orgs.). **Surdez, Escola e Sociedade: reflexões sobre a Fonoaudiologia e Educação**. Rio de Janeiro: WVA, 2015.
- BOFF, L. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na Educação de Surdos – Ideologias e Práticas Pedagógicas**, Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- CARLOS, M. G. **Formação de Professores para uma Mudança Educativa**, Porto: Editora Porto, 1999.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: **Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COLL, César; PALÁCIOS Jesús; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: ArtesMedicas, 1995.
- CULLER, J. *Structuralist poetics: Structuralism, linguistics, and the study of literature*. London: Routledge and Kegan Paul, 1975.
- DORZIAT, A. **Concepções de Surdez e de Escola: ponto de partida para um escola inclusiva**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, B. L. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Série Atualidades Pedagógicas). In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, Ijuí, 2008.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 1ª Ed. Parábola Editorial, São Paulo. 2009.
- GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm

- INES (2007). **O Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES e a Educação de Surdos no Brasil – Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. v.01, dez/07. Rio de Janeiro: INES
- LACERDA, C. B. F. de. **Um pouco da história das diferentes**
- LACERDA, C. B. F; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo. E agora? : Introdução a Libras e educação de surdos**. São Carlos: EdUFScar, 2013. 254 p.
- LIMA, P. A. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- MANTOAN, M.T. Égler. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**2.ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- PAULILO, M. A S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Serviço Social em Revista. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez.1999. . Acesso em 26 de Maio de 2019.
- pensar pedagógico em uma escola pública para surdos**. São Carlos / SP:
- QUADROS, R. M. de. **Aquisição de Linguagem por crianças Surdas (Série Atualidades Pedagógicas)**. In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.
- QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos: Aquisição da Linguagem**, Porto Alegre, 2001,
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, **Língua de Sinais Brasileira: estudoslinguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. de; Karnopp, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**, Porto Alegre, 2004, Artmed.abordagens na educação de surdos. Caderno Cedes, vol. 19, n 46. Campinas, 1998.
- QUADROS, R.M.; PIZZIO, A.L.; REZENDE, P.L.F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis. 2009.Disponível em:. Acessado em: 04 jan. 2019.
- SANCHÉZ, 1990. In: ALVES, Marlene Rodrigues. **Inclusão do Aluno Surdo Num Mesmo Espaço Escolar, Com Alunos Ouvintes do Ensino Regular da Rede Particular**. Maringá/PR: Revista Eficaz, 2011.
- SCHELP, Patrícia Paula. **Praticas de letramento de alunos surdos em contexto de**
- SOUSA, José Vieira de. A identidade do sujeito social, ético e político e o projeto pedagógico da escola**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro e FONSECA, Marília. As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola, 6ª ed (Orgs.) Campinas/SP: Papirus, 2007, p. 226 Trabalho de Tese (Doutorado), UFSCar (mimeo.), 1999.
- THOMA, A. **Surdos: esse “outro” de que fala a mídia**. In: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação 2005.

VITALIANO, C. R., DALL' ACQUA, Maria Julia C.; BROCHADO, Sônia Maria D. **Língua Brasileira de Sinais nos currículos dos cursos de Pedagogia das Universidades Públicas dos Estados do Paraná e de São Paulo: caracterização da disciplina, Londrina: EDUEL, 2010.** VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Este é um convite para você participar da pesquisa “O QUE NARRAM OS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE SOBRE SUAS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE ALUNO SURDO” coordenada pela graduanda Pamela Krisia Yama Teixeira Marques , sob a orientação da professora Isabelle Pinheiro Fagundes. Trata-se de um estudo de cunho monográfico como um dos pré-requisitos para conclusão do Curso em Licenciatura em Letras LIBRAS da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo, penalidade ou constrangimento, nossa pesquisa procura investigar, a partir de narrativas de professores do Ensino Fundamental da rede pública de ensino, quais estratégias apresentam a respeito da inclusão de alunos surdos dentro de suas salas de aula.

Esse trabalho se propõe a ser um instrumento de valorização e evidência de experiências de professores atuantes no ensino público do município de Campo Grande-RN.

Caso decida aceitar o convite, o professor(a) será submetido, ao seguinte procedimento: A realização de uma entrevista narrativa, que será marcada conforme a disponibilidade do participante. O local de escolha da entrevista ficará a seu critério. O conteúdo de sua narrativa será gravado em formato de áudio, e posteriormente faremos a transcrição escrita, por fim, as análises dos dados.

Os riscos envolvidos com sua participação: Ao falar sobre suas experiências no processo de ensino e formação enquanto professor, possivelmente poderá apresentar algum tipo de desconforto e sofrimento, isso será minimizado através da seguinte providência: Estaremos atentos a qualquer desconforto e, não vamos explorar falas que tragam angústia para o participante da pesquisa, se o professor(a) desejar, a qualquer momento pode parar nossa seção de entrevista narrativa.

Você terá os seguintes benefícios ao participar da pesquisa: Ao falar sobre suas experiências e suas percepções de inclusão de alunos surdos em suas salas de aula, poderá compreender melhor o processo de inclusão desses alunos surdos, e ainda

contribuir para a melhoria do ensino de pessoas com surdez e a pensar na formação de futuros professores. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento, a não ser que seja seu desejo. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Você ficará com uma cópia deste Termo e toda dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para o coordenador da pesquisa Pamela Krisia Yama Teixeira Marques e-mail: krisia.yama@hotmail.com , ou via telefone (84) 9.9654-8462

Ao termino da pesquisa o professor(a) participante receberá um exemplar da monografia.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos, e concordo em participar voluntariamente da pesquisa “O QUE NARRAM OS PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPALDE CAMPO GRANDE SOBRE SUAS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE ALUNO SURDO”

Participante da pesquisa:

Pesquisador responsável:

Pamela Krisia Yama Teixeira Marques

Campo Grande (RN), Maio de 2019

ANEXO II

Transcrição na íntegra das entrevistas narrativas dos colaboradores

Entrevista na íntegra do Professor Stephen

Não. Na minha graduação não tive nenhuma disciplina voltada para esse tipo de situação né, A Libras se faz muito importante na escola, como eu posso dizer é...não só com um profissional que possa ajudar o professor e o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem, e comunicação com os outros alunos, mas,é também o ensino da linguagem de sinais deve fazer parte da grade curricular da escola já que também é uma linguagem oficial no nosso país né. (STEPHEN, 2019)

Bom... então...Como professor me sinto um pouco incapacitado para lecionar uma aula para uma sala que possui alunos surdos, assim eu ... é, eu busco o máximo a comunicação com surdo, porém não tenho conhecimento suficiente da linguagem brasileira de sinais para que possa passar de forma clara e objetiva os conteúdos necessários na sala de aula , né... então, assim eu vou deixando esse aluno com grande prejuízo no seu desenvolvimento escolar. (STEPHEN, 2019)

Porque assim ...Eu não tenho como compreender que ele tenha entendido o conteúdo né, pois não tenho uma comunicação muito boa entende? já que, não tenho conhecimento de Libras. Geralmente eu ... eu avalio com trabalho e provas por consulta. A prova é sempre igual a dos outros alunos e ele faz com outro aluno que escolhe. E é isso, eu não consigo ter esse feedback, pois não sei se ele entendeu o conteúdo. (STEPHEN, 2019)

Entrevista na íntegra do Professor Marcos

Então... durante a minha graduação não tive nenhum ensinamento sobre tal assunto, e... e isso né acabou me deixando despreparado para esse tipo de alunos, entende?, Eu acho muito importante a inclusão de profissionais dessa área nas escolas para auxiliar os professores em sala de aula né, assim ...,e auxliar também né, na comunicação com esse tipo de alunos. (MARCOS, 2019)

Então, no início não me preocupava tanto sabe? Pois, havia uma questão de ter que passar o aluno com essas deficiências, aí... depois passei a me preocupar, já que... já que passei a ter amizade com o surdo meu aluno né e me preocupei com ele que ficava sem entender o que eu explicava. (MARCOS, 2019).

Então,infelizmente devido à falta de comunicação o aluno praticamente não consegue absorver quase nada do conteúdo, e... fica apenas como um mero observador em sala de aula, né, e assim acaba sendo avaliado da mesma forma que os outros alunos. (MARCOS, 2019)

Entrevista na íntegra do Professor Paula

Nós tivemos sim um curso preparatório só que muito rápido ... Um curso que se nós quiséssemos realmente trabalhar com a determinada deficiência nós teremos que não se aprofundar bastante, porque não é um campo assim muito fácil, é um campo que a gente realmente tem que ter bastante interesse e dedicação, portanto, é se educar não é algo fácil, ensinar ler e escrever não é algo fácil... ensinar a ler e escrever a crianças com deficiência seja qual for, é se torna ainda mais difícil porque nós temos que ter além do conteúdo muito bom de alfabetização, nós temos que adaptar esse conteúdo a outro tipo de linguagem, uma linguagem que nós ainda estamos buscando ... como é que se diz ... nós ainda estamos buscando aperfeiçoar e de uma certa forma é ampliar essa linguagem, é uma linguagem que fica ainda é... muito restrita em poucos ambientes por exemplo fica restrita a alguns cursos fechados, não é aberto para todo mundo a gente faz um curso de libras mas tem que estar praticamente o tempo todo, praticando praticando direto, para poder adquirir sabe a prática mesmo, a segurança de se comunicar com alguém assim... então é bem desestimulante a gente saber que nós profissionais não temos nem tempo, nem condições de nos aperfeiçoarmos e seria muito interessante que houvesse profissionais disponíveis nas escolas para que começasse de criança a ter ... como é que se diz... a obter esse conhecimento para que quando a gente não esteja num certo nível de idade mais velho fique cada vez mais difícil de se praticar a linguagem de sinais. (PAULA, 2019)

Bem é... Primeiro que eu preciso de um instrumento, como é que se diz de comunicação, já que nem eu nem o aluno temos essas opções, eu vou trabalhar com questões de mímica, de sinais com as mãos como é que se diz, mais símbolos, buscar muitos símbolos pra poder a pessoa tá reconhecendo aquilo que eu estou falando tentando transformar a minha fala numa comunicação tanto para ele quanto para mim. (PAULA, 2019)

Porque assim... se eu conseguir tanto ser entendida quanto entender eu vou ter essa resposta com conteúdo, geralmente fica muito difícil da gente avaliar um aluno que não

sabe ler ou escrever. Na maioria das vezes, o aluno surdo ele tem uma dificuldade grande de leitura e mais ainda de escrita, então fica quase que, na maioria das vezes difícilimo, e chega a ser raro o aluno surdo ler e escrever. Portanto, hoje em dia, nós temos nas nossas escolas nos nossos ambientes escolares, uma deficiência que não é a deficiência do próprio aluno, mas uma, uma deficiência do professor também porque, porque não estamos preparados para receber alunos com os quais nós não temos nem um, Não dominamos nenhuma técnica de Libras. E, então assim, não podemos avaliar até que ponto esse aluno tá entendendo o conteúdo por uma questão de leitura labial, e se não temos como comprovar isso com a escrita dele com a opinião escrita dele que seria a transcrição das respostas nas provas. (PAULA, 2019)